

MASCULINIDADES, CORPOREIDADE E DESEJO DESDE UMA PERSPECTIVA TEOLÓGICA*

Ezequiel de Souza¹

Resumo:

A comunicação tem por objetivo analisar como a religião contribuiu para a formação e reprodução de papéis de gênero, especialmente os papéis masculinos. Partindo de uma perspectiva teológica, indaga-se por caminhos passíveis de serem trilhados na superação da dominação masculina, sempre tendo em conta a participação ambígua que a religião tem tido na construção dos papéis de gênero, nomeadamente os papéis masculinos. Argumenta-se a respeito da necessidade de uma espiritualidade que tome a corporeidade como ponto de partida para a expressão e vivência das masculinidades, não mais pautada na força e no poder, mas na partilha e na solidariedade. Em um país em que a religião desempenha um importante papel na conformação da sociedade, esta abordagem possui uma relevância tanto prática quanto teórica.

Palavras-chave: Papéis de gênero. Experiências masculinas. Masculinidades e religião.

Abstract:

The paper aims to analyze how religion contributed to the formation and reproduction of gender roles, especially the male roles. Starting from a theological perspective, we look into paths that can be traced to overcome the male dominance, always taking into account the ambiguous participation that religion has played in the construction of gender roles, including the male roles. We argue about the need for a spirituality that takes embodiment as a starting point for the expression and experience of masculinity, no longer guided in strength and power, but in sharing and solidarity. In a country where religion plays an important role in building society, this approach has a practical and theoretical importance.

Keywords: Gender roles. Male experiences. Masculinities and religion.

A presente comunicação traz parte dos resultados de minha pesquisa de mestrado em teologia. Inicialmente, tematiza algumas relações existentes entre a construção da identidade masculina e a sexualidade. Desde tenra idade, os meninos disputam entre si para aumentar seu capital de masculinidade, a fim de adquirir o respeito e a dominação sobre os demais. Em seguida, abordo a corporeidade a partir de uma perspectiva teológica. Na tradição teológica ocidental, o corpo foi

* Parte integrante de minha dissertação de mestrado: "Do genérico ao gênero: a experiência masculina como ponto de partida para o fazer teológico", sob a orientação da Dra. Marga Janete Ströher.

¹ Doutorando em teologia na Escola Superior de Teologia. Bolsista do CNPq-Brasil. E-mail: ez.teologo@gmail.com.

relegado a segundo plano, havendo a necessidade de dar a ele a devida importância na reflexão teológica. Aliado ao conhecimento teórico, tenho por pano de fundo a experiência de voluntário em uma unidade da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul (FASE), que abriga jovens meninos em conflito com a lei. Por se tratar de um ambiente exclusivamente masculino, as relações entre masculinidade, sexualidade, corporeidade e religião ficam latentes, merecendo um estudo mais aprofundado.

Masculinidade e sexualidade

Não é possível falar sobre masculinidade sem fazer referência à sexualidade. Muitas pesquisas demonstram que em diversos ambientes, brincadeiras, rimas e palavras que trazem à memória elementos ligados à sexualidade são evocadas. Embora seja um assunto sério, joga-se com ela o tempo todo, constituindo um capital de masculinidade a capacidade de revidar às brincadeiras feitas pelos outros, uma vez que “la identificación viril de uno se construye a través de la negación de la masculinidad del outro”.² No estudo antropológico desenvolvido junto a meninos de rua por Lisiane Leczneiski, podemos identificar claramente dois elementos ligados à sexualidade masculina: a exaltação da masculinidade através de jogos de palavras e a defesa da honra através de duelos. Existe um código linguístico compartilhado pelos meninos de rua, no qual a utilização de palavrões cria um ambiente descontraído de disputas em torno do capital de masculinidade:

Os “palavrões”, que a nós podem chocar ou soar grotescos, parecem não ter a mesma conotação no universo dos guris, mas seguem um padrão que está impregnado de tal forma na sua linguagem, que, no contexto das músicas, parece mais uma forma divertida de mostrar e exaltar sua masculinidade.³

Embora haja a presença feminina, o ambiente em que os meninos de rua convivem é um ambiente predominantemente masculino. Em ambientes marcadamente masculinos, alusões à sexualidade cumprem funções de

² SZASZ, Ivonne. Varones mexicanos: género, sexualidad y salud reproductiva. *Estudios Feministas*, ano 8, n. 1, 2000, p. 190.

³ LEZNEISKI, Lisiane. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcos de masculinidade entre os guris de rua. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 95-111, 1995. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/HorizontesAntropologico/article/viewFile/2585/1886>>. Acesso em: 12 set. 2008.

homossociabilidade, ao mesmo tempo em que hierarquizam de acordo com o capital de masculinidade entre os “homens de verdade” e os demais. A homossociabilidade não se restringe aos meninos de rua, podendo ser encontrada em qualquer ambiente em que a presença masculina seja predominante. “As falas explícitas sobre sexo e o baixo corporal, assim como o clima de brincadeira, jocosidade, agressão e desafio que paira sobre os assuntos, especialmente os sexuais, não é exclusividade dos guris”.⁴ A situação de vulnerabilidade social faz com que os meninos de rua reproduzam o *ethos* masculino tradicional, no qual os símbolos de virilidade são inquestionáveis. Por isso, há um limite bem delimitado entre a brincadeira acerca da sexualidade e a ofensa à honra masculina. A honra deve ser respeitada e, em caso de ofensa, defendida a qualquer custo. A defesa da honra acontece através da encenação de traços tidos como característicos da identidade masculina:

Uma das causas de brigas e duelos, entre os guris, é a defesa da honra. Tirar satisfação de acusações sofridas significa, entre eles, defender a honra maculada. E isto é algo que os guris prezam demais. A importância da defesa da honra fica também claramente expressa em ditados recorrentes como, por exemplo: “Um homem não pode levar desaforo pra casa; Tudo tem que ser tirado a limpo”. Neste universo, noções como desafio, honra, virilidade e “ser ativo”, estão interrelacionadas.⁵

Entre os meninos de rua, principalmente o questionamento à virilidade deve ser “tirado a limpo”, levando ao duelo. Nem todas as ofensas levam ao duelo. Apenas aquelas que questionam a masculinidade de forma explícita: “Neste sentido são consideradas muito sérias acusações de puto, bicha, ladrão, filho-da-puta, mulherzinha, etc.”.⁶ O objetivo dos duelos não é machucar o adversário, mas demarcar um espaço dentro do grupo, demonstrando a posse dos atributos imputados à masculinidade. As brigas não são interpretadas como atos de violência porque desempenham um duplo papel para o grupo: diversão e hierarquização:

Como demonstração de atributos pessoais, estariam ainda, nestas encenações, demarcando posições hierárquicas de liderança. Contemplando todas estas dimensões, a briga se revelaria como articuladora significativa de variáveis de importância tanto simbólica quanto prática. Talvez se deva a isto a resistência dos garotos em levar as brigas

⁴ LECZNEISKI, 1995.

⁵ LECZNEISKI, 1995.

⁶ LECZNEISKI, 1995.

sérias até as últimas conseqüências. Fonte de prestígio e instrumento potencial de defesa da honra, o corpo não deve ser ferido.⁷

A sexualidade masculina não constitui uma unidade durante toda a vida do homem. Quando o homem é solteiro, a sexualidade não está relacionada apenas ao ato sexual. Através da sexualidade, há a tentativa de afirmar uma identidade masculina frágil. O desempenho sexual deve ser o melhor possível, em comparação com outros homens, a fim de demonstrar sua masculinidade para eles – e para si próprio. Ivonne Szasz entende que, desde o nascimento, existe uma dupla mensagem social dirigida aos homens: 1) é vantajoso ser homem; 2) não se é homem até que se prove. Para tanto, faz-se necessária a penetração, pois “los genitales masculinos representan valor, orgullo, prepotencia, fuerza, bienestar, y se pueden concebir separados del cuerpo, cobrando vida propia”.⁸

A paternidade representa uma ruptura na sexualidade masculina, pois um filho traz a responsabilidade para com a família. Quando um guri se torna pai, a forma como encara a realidade é transformada. Ao tomar conhecimento acerca do nascimento de sua filha, um aluno da FASE confidenciou que desejava estar ao lado de sua companheira, cuidando de sua recém-nascida filha. De acordo com Rosely Gomes da Costa, a paternidade compreende a capacidade de fazer filhos e a capacidade de sustentá-los: “Assim, se ‘fazer filhos’ pode servir para comprovar o atributo físico da paternidade, conseguir sustentá-los e educá-los comprova seu atributo moral”.⁹ Dessa forma, a paternidade atualiza duas características atribuídas à identidade masculina: a virilidade e o papel de provedor.

Na visão tradicional da masculinidade, espera-se que o homem providencie o sustento da família. Essa condição dá ao homem o controle sobre a sexualidade feminina, ao mesmo tempo em que exige constante disposição para realizar o ato sexual. No entanto, o ato sexual não expressa uma relação afetiva, mas uma relação de poder, uma relação de dominação. Por isso, há a expectativa que o

⁷ LECZNEISKI, 1995.

⁸ Na masculinidade tradicional, há uma relação considerada intrínseca entre a masculinidade, a penetração e a ereção. De acordo com Ivonne Szasz, para que seja considerada uma relação sexual, a penetração tem que acontecer, desconsiderando carícias e mútua erotização. SZASZ, 2000, p. 189.

⁹ COSTA, Rosely G. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Estudos Feministas*, ano 10, n. 2, jul./dez. 2002, p. 341.

homem seja sexualmente ativo.¹⁰ Tal exigência decorre da necessidade de reafirmação da identidade masculina, diante do medo do feminino e da homossexualidade. Não poder ter filhos coloca em xeque a virilidade de um homem. “Pelo fato de comumente a esterilidade masculina estar associada à impotência, não conseguir ter filhos relaciona-se, para os homens, à sexualidade e ameaça sua virilidade”.¹¹ Não ter um filho acarreta uma diminuição do capital de masculinidade porque possibilita o questionamento da virilidade. Além disso, possuir um filho constitui, nesta perspectiva, uma prova incontestável de sua heterossexualidade.

Embora a sexualidade ocupe um lugar privilegiado na constituição da identidade masculina, paradoxalmente, as questões relacionadas à reprodução são computadas às mulheres. Preocupar-se com a saúde reprodutiva é uma atribuição feminina, uma vez que cabe às mulheres a dimensão do cuidado: “Para os homens, questões sobre fecundidade são percebidas como legitimamente não de sua competência”,¹² pois se um homem procura cuidados médicos, seu capital de masculinidade pode ser diminuído, pois ele estaria apresentando sinais de fraqueza e vulnerabilidade.¹³ Com isso, duas implicações políticas podem ser derivadas: a naturalização da maternidade e o papel secundário do homem na reprodução, entendido como mero doador de sêmen. De acordo com Juan Guillermo Figueroa Perea, a discussão dos direitos reprodutivos está associada ao empoderamento das mulheres, há a necessidade de ser estendido aos homens, pois

[...] el empoderamiento de las mujeres no puede ser interpretado simplemente como sinónimo de desempoderamiento de los varones, sino que tomando en cuenta las condiciones sociales que influyen sobre el ser mujer y el ser varón, puede asumirse que el empoderamiento de las mujeres, así como su ejercicio más directo de influencia y de negociación con los varones, obligará a éstos a repensar su identidad como varones y como seres humanos, aprendiendo nuevos modelos de negociación y de intercambio, y de alguna forma, empoderándose al dignificar los criterios con los cuales se vinculan con otros seres humanos como las mujeres.¹⁴

Nessa concepção, a paternidade deixa de ser a atualização da virilidade masculina e torna-se relacional. A partir da negociação do casal a respeito de seus

¹⁰ GIFFIN, Karen; CAVALCANTI, Cristina. Homens e reprodução. *Estudos Feministas*, ano 7, n. 1-2, 1999, p. 56.

¹¹ COSTA, 2002, p. 344.

¹² FACHEL LEAL, Ondina. Cultura reprodutiva e sexualidade. *Estudos Feministas*, ano 6, n. 2, jul./dez. 1998, p. 379.

¹³ COSTA, 2002, p. 347.

¹⁴ FIGUEROA PEREA, Juan G. Derechos reproductivos y feminismo en la experiencia de los varones. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 8, n. 1, jan./jun. 2000. p. 138.

direitos reprodutivos, a sexualidade masculina perde parte de seu caráter narcisista e adquire uma dimensão dialógica. No entanto, a negociação não pode ser considerada uma concessão. Além disso, é preciso superar a ideia de que a paternidade é supérflua.¹⁵ Dessa forma, a sexualidade masculina torna-se uma sexualidade responsável, dando ao homem a possibilidade de compartilhar com sua companhia o prazer e as conseqüências advindas da relação sexual. Dessa forma, a sexualidade masculina perderia sua conotação de dominação e adquiriria uma conotação de partilha e intimidade entre os parceiros.

Masculinidade e corporeidade a partir de uma perspectiva teológica

Durante o I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, o teólogo André Musskopf afirmou que a masculinidade tem sido definida de forma negativa: ser homem é *não ser mulher, não ser homossexual*.¹⁶ De certa forma, atualiza-se o paradoxo da definição identitária a partir da negação da alteridade. De acordo com Pedro Paulo de Oliveira, a sociedade tem a expectativa que um homem cumpra quatro pré-requisitos: “1) a necessidade de ser diferente das mulheres; 2) a necessidade de ser superior aos demais; 3) a necessidade de ser independente e auto-confiante; e 4) a necessidade de ser mais poderoso do que os outros, através da violência, se necessário”.¹⁷

Muitas pesquisas têm chamado a atenção para a “crise da masculinidade”, proclamando a emergência de um “novo homem”. No entanto, André Musskopf entende que é preciso analisar criticamente essa afirmação, pois ela cria uma dicotomia entre os “novos homens”, capazes de expressar seus sentimentos, e os “homens tradicionais”, inexpressivos e hipermasculinos.¹⁸ “O ‘novo homem’ surge no lugar do ‘antigo’, ou seja, um indivíduo que se comportava dentro dos padrões esperados para um macho tradicional”.¹⁹ Como a referida crise possui diferentes interpretações, variando de acordo com o grupo social, há a possibilidade de seu

¹⁵ SIQUEIRA, Maria Juracy Toneli. Saúde e direitos reprodutivos: o que os homens têm a ver com isso? *Estudos Feministas*, ano 8, n. 1, 2000, p. 165.

¹⁶ MUSSKOPF, André S. Identidade masculina e corporeidade: uma abordagem *queer*. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 80.

¹⁷ OLIVEIRA, Pedro P. Discursos sobre a masculinidade. *Estudos Feministas*, ano 6, n. 1, 1998. p. 99.

¹⁸ MUSSKOPF, 2005, p. 108.

¹⁹ RIBEIRO, Cláudia R.; SIQUEIRA, Vera H. F. O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 15, n. 1, jan./abr. 2007, p. 217.

resultado ser o incremento do consumo ou a promoção de uma identidade masculina libertadora.²⁰ A experiência masculina tem sido abordada na teologia a partir da corporeidade, do poder e da espiritualidade.

De acordo com Renate Gierus, os corpos possuem uma linguagem específica que, como outras fontes, precisa ser interpretada. Os corpos são esculpidos a partir de suas experiências. “O corpo constitui-se de muitas marcas e de muitos modelos. Ele carrega consigo a vida, imprimindo na pele e nas entranhas os caminhos e descaminhos cotidianos”.²¹ Não é uma tarefa fácil entender a linguagem do corpo, linguagem ambígua e permeada por relações de poder.

Também a experiência masculina é uma experiência corpórea. “Somos corpo”, afirma Daniel Sánchez Pereira.²² Não é possível falar em experiência masculina fora do corpo. A força desta afirmação é dada pelo contexto da dualidade entre corpo e alma. Por muito tempo, grupos cristãos sustentaram a dicotomia entre corpo e alma, atribuindo a esta as propriedades mais elevadas e compreendendo aquele como o *locus* do pecado,²³ um instrumento a ser utilizado pela mente.²⁴ Segundo o teólogo Jürgen Moltmann, essa dicotomia não possui base bíblica, tendo sido desenvolvida no gnosticismo cristão e aprofundada pela antropologia de Agostinho.²⁵ Para Ernst Käsemann, ‘carne’ denota a condição de criatura do ser humano, não constituindo um sinônimo para ‘corpo’. No sentido atribuído pelo apóstolo Paulo, ‘carne’ representa tudo aquilo que é efêmero, passageiro.²⁶

Homens e mulheres aprendem a desempenhar papéis sociais desde tenra idade. O aprendizado da masculinidade comporta uma dupla violência que, com o tempo, constitui marcas diacríticas inscritas nos corpos masculinos: a violência

²⁰ MUSSKOPF, 2005, p. 92.

²¹ GIERUS, Renate. CorpOralidade: História Oral e copo. In: In; STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004. p. 44.

²² SÁNCHEZ PEREIRA, Daniel. Além dos limites impostos pela cultura e pelos preconceitos: pistas para uma releitura da Carta a Filêmon, Ápia e Arquipo na perspectiva das masculinidades. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, n. 2, 2005, p. 37.

²³ IRARRÁZAVAL, Diego. Corporeidad masculina. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 137.

²⁴ IRARRÁZAVAL, 2005, p. 140.

²⁵ O apóstolo Paulo utilizava o conceito em três diferentes acepções: com ‘carne’, fazia referência ao mundo criado; com ‘na carne’, fazia referência à condição transitória do mundo; e com ‘segundo a carne’, fazia referência ao tempo desse mundo. MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 90-91.

²⁶ KÄSEMANN, Ernst. A antropologia paulina. In: KÄSEMANN, Ernst. *Perspectivas paulinas*. 2. ed. São Paulo: Teológica/Paulus, 2003. p. 48.

contra si e a violência contra a alteridade. A corporeidade masculina tradicional tem sido vinculada à sexualidade, gerando uma limitação das potencialidades do próprio corpo.²⁷ Através da reprodução do *ethos* masculino, a corporeidade continua mantendo uma vinculação estreita com a sexualidade, entendida como ato de atualização da masculinidade porque a dominação se manifesta inclusive na divisão do trabalho sexual. A partir da oposição alto vs. baixo, a posição sexual considerada 'natural' é aquela em que o homem se encontra por cima da mulher.

Socialmente diferenciadas, a sexualidade feminina tem sido orientada para a intimidade, enquanto a sexualidade masculina tem sido compartimentada e orientada para a penetração,²⁸ em uma atitude falocêntrica. O pênis não é apenas uma parte do corpo masculino: ele deve receber um nome próprio que o diferencie dos demais, pois simboliza a masculinidade em si. Penetrando, prova-se para si que não se é uma mulher ou um homossexual.

O uso legítimo do corpo masculino exige dos homens que assumam a posição ativa na relação sexual. Em última análise, o que importa é o ato da penetração, sendo relativizado o parceiro. Quando um homem é penetrado por outro, ele é estigmatizado por usar seu corpo de forma desonrosa. Ao fazer isso, abdicou de todo o capital de masculinidade de que dispunha.²⁹ Se recordarmos o caráter nobiliárquico da masculinidade, poderemos inferir que em uma visão tradicional o homem que sofre a penetração macula sua identidade de uma forma permanente. Por outro lado, quando um homem penetra outro, seu capital de masculinidade não é diminuído, ele não é considerado um homossexual.³⁰ A expectativa social é que o homem seja ativo na relação sexual e o fato de diminuir a masculinidade de outro acarreta, pelo menos para seu ego, uma satisfação.

Adilson Schultz chama a atenção para um detalhe pouco explorado nas análises da relação existente entre masculinidade e corporeidade: os homens conhecem e falam pouco sobre o próprio corpo. Quando falam de corporeidade,

²⁷ MUSSKOPF, 2005, p. 85.

²⁸ SOUZA, Ezequiel de. O papel da teologia na superação da dominação masculina. In: SCHAPER, Valério G.; OLIVEIRA, Kathleen L.; REBLIN, Iuri A. (Orgs.). *A teologia contemporânea na América Latina e no Caribe*. São Leopoldo: OIKOS, 2008. p. 274.

²⁹ TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, n. 24, jan./jun. 2005, p. 143.

³⁰ TORRÃO FILHO, 2005, p. 145.

evocam corpos alheios.³¹ Não deixa de ser surpreendente, uma vez que boa parte das conversas entre homens gira ao redor da sexualidade. As conversas masculinas em ambientes de sociabilidade são construídas sobre temáticas que, simultaneamente, envolvam sem comprometer. Seria desinteressante discutir algo que pusesse em xeque o capital de masculinidade. Adilson Schultz defende a criação de grupos que discutam a masculinidade, entendendo que os homens estão dispostos a superar seu mutismo.³² Ao mesmo tempo em que há benefícios advindos da condição masculina, o ônus também é grande. A criação de espaços para a discussão e problematização da masculinidade proporcionaria a elaboração de alternativas aos modelos vigentes.

A Bíblia nos oferece várias narrativas que podem problematizar a experiência masculina com o corpo. Com a aplicação de hermenêuticas de cunho não-fundamentalistas, há a possibilidade de interpretações plausíveis para a construção de novos modelos de masculinidade. A empreitada é legítima, tendo em vista que alguns modelos foram sancionados pela mensagem bíblica. Adilson Schultz apresenta dezoito modelos típico-ideais de masculinidade construídos a partir de relatos bíblicos. Apesar do caráter ficcional, o exercício demonstra a pluralidade de perspectivas presentes na Bíblia.³³

Na narrativa de Gênesis 38, André Musskopf e Yoimel González Hernández identificam a presença de modelos alternativos de masculinidade, definíveis a partir da corporeidade. Há uma expectativa que paira sobre os homens em sociedades patriarcais: a aptidão para gerar descendentes, de preferência filhos homens. Diante da morte de Er, o primogênito de Judá, antes de ter gerado um filho, cabe a seu irmão a obrigação de dar continuidade ao nome do falecido, de acordo com a lei do levirato. Onã se recusa a desempenhar o papel masculino que lhe é imputado:

Ao evitar gerar descendência para seu irmão, Onã entra em contradição com três posições diferentes: o seu pai, a legislação social da época e Tamar. Para esta, ter filhos garantia uma posição mais vantajosa que a condição de viúva sem filhos. Afinal, a maternidade, na cultura patriarcal, dá status à mulher. Estas três posições representam uma pressão real diante

³¹ SCHULTZ, Adilson. Isto é o meu corpo – e é corpo de homem: discursos sobre masculinidade na Bíblia, na literatura e em grupos de homens. In; STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004. p. 172.

³² SCHULTZ, 2004, p. 189.

³³ SCHULTZ, 2004, p. 177-182.

da qual Onã reage corporalmente, através do exercício da sua sexualidade.³⁴

A desobediência de Onã custa-lhe a vida. A narrativa de Gênesis 38 apresenta claramente a disputa de modelos alternativos de masculinidade, tendo como desfecho a defesa da masculinidade de Judá: “O corpo de Judá, apesar da sua idade, é um corpo masculino portador de plenas faculdades procriadoras e, portanto, símbolo indiscutível da sexualidade masculina”.³⁵ Enquanto isto, os corpos dos filhos de Judá são estigmatizados como fracos e incapazes de cumprir as exigências patriarcais. O aprendizado da masculinidade se dá de forma explícita e implícita nesta narrativa: ser homem é ser viril, apesar da idade avançada; quem não possui a virilidade, ainda que jovem, não merece ser chamado de homem. A morte de Er e Onã simboliza a morte social, o não-reconhecimento da masculinidade àqueles homens cujos corpos não cumprirem as exigências sociais.

Os corpos masculinos são treinados para não sentir dor, ou melhor, para não demonstrar a dor que deveras sentem. Não é possível continuarmos pensando que os homens são seres insensíveis. O isolamento e a solidão a que são submetidos forma sua identidade e molda seus corpos para que sofram calados. O desafio que se apresenta é a valorização da corporeidade masculina sem a necessidade de manter a dicotomia corpo vs. espírito, sexo vs. amor.³⁶ Por fim, em um ambiente quase exclusivamente masculino, os dilemas da masculinidade se tornam mais agudos. Jovens privados de liberdade, justamente no momento que sua sexualidade se acentua, diariamente precisam lidar com o desejo e com a corporeidade, na tensão de desenvolver sua sexualidade e, ao mesmo tempo, não ser estigmatizado pelos demais.

REFERÊNCIAS

COSTA, Rosely G. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Estudos Feministas*, ano 10, n. 2, jul./dez. 2002.

³⁴ MUSSKOPF, André S.; GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Yoimel. Homens e ratos! Desconstruindo o modelo hegemônico de masculinidade e visibilizando modelos alternativos construídos nos corpos de homens em Gênesis 38. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, n. 2, 2005, p. 62.

³⁵ MUSSKOPF; GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2005, p. 63.

³⁶ IRARRÁZAVAL, Diego. Justicia de género e identidad masculina. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. Belo Horizonte: SOTER; São Paulo: Paulinas/Loyola, 2003. p. 220.

FACHEL LEAL, Ondina. Cultura reprodutiva e sexualidade. *Estudos Feministas*, ano 6, n. 2, jul./dez. 1998.

GIERUS, Renate. CorpOralidade: História Oral e copo. In: In; STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

GIFFIN, Karen; CAVALCANTI, Cristina. Homens e reprodução. *Estudos Feministas*, ano 7, n. 1-2, 1999.

IRARRÁZAVAL, Diego. Corporeidad masculina. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

IRARRÁZAVAL, Diego. Justicia de gênero e identidad masculina. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. Belo Horizonte: SOTER; São Paulo: Paulinas/Loyola, 2003.

KÄSEMANN, Ernst. A antropologia paulina. In: KÄSEMANN, Ernst. *Perspectivas paulinas*. 2. ed. São Paulo: Teológica/Paulus, 2003.

LECZNEISKI, Lisiane. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcos de masculinidade entre os guris de rua. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 95-111, 1995. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/HorizontesAntropologico/article/viewFile/2585/1886>>. Acesso em: 12 set. 2008.

MOLTMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MUSSKOPF, André S. Identidade masculina e corporeidade: uma abordagem *queer*. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

MUSSKOPF, André S.; GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Yoimel. Homens e ratos! Desconstruindo o modelo hegemônico de masculinidade e visibilizando modelos alternativos construídos nos corpos de homens em Gênesis 38. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, n. 2, 2005.

OLIVEIRA, Pedro P. Discursos sobre a masculinidade. *Estudos Feministas*, ano 6, n. 1, 1998.

RIBEIRO, Cláudia R.; SIQUEIRA, Vera H. F. O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 15, n. 1, jan./abr. 2007.

SÁNCHEZ PEREIRA, Daniel. Além dos limites impostos pela cultura e pelos preconceitos: pistas para uma releitura da Carta a Filêmon, Ápia e Arquipo na perspectiva das masculinidades. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, n. 2, 2005

SCHULTZ, Adilson. Isto é o meu corpo – e é corpo de homem: discursos sobre masculinidade na Bíblia, na literatura e em grupos de homens. In; STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

SOUZA, Ezequiel de. O papel da teologia na superação da dominação masculina. In: SCHAPER, Valério G.; OLIVEIRA, Kathlen L.; REBLIN, Iuri A. (Orgs.). *A teologia contemporânea na América Latina e no Caribe*. São Leopoldo: OIKOS, 2008.

SZASZ, Ivonne. Varones mexicanos: género, sexualidad y salud reproductiva. *Estudos Feministas*, ano 8, n. 1, 2000.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, n. 24, jan./jun. 2005.